

VIVÊNCIAS SURDAS: PRÁTICAS ARTÍSTICAS

DEAF EXPERIENCES: ARTISTICS PRACTICES

Karina Avila Pereira - Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas- Área de Língua Brasileira de Sinais- Centro de Letras e Comunicação. E-mail: karina.pereira53@gmail.com.

Victor Techera Silveira - Acadêmico do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: victor.techera.silveira@gmail.com.

RESUMO

O presente texto tem a intenção relatar uma ação do projeto de extensão “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé”, cujo objetivo é proporcionar à comunidade surda o contato com dança, em especial o balé clássico. Foi realizado no ano de 2019 o espetáculo “Vivências surdas: práticas artísticas” nas dependências da Universidade Federal de Pelotas, UFPel. Para isso, relataremos aqui a visão do espetáculo através da leitura de uma atriz e dançarina surda que integra as atividades do projeto. As questões que nortearam a entrevista tiveram como temática a experiência/vivência do sujeito surdo em participar de um espetáculo voltado para a comunidade surda de Pelotas e região, em que foram apresentadas diversas modalidades artísticas. Os resultados mostram que é possível que sujeitos surdos aprendam a dançar desde que o professor saiba a língua brasileira de sinais e, além disso, a metodologia de ensino seja focada na experiência visual trazendo assim o sujeito surdo como protagonista do espetáculo.

Palavras-chaves: Arte inclusiva. Espetáculo. Dança para surdos. Metodologias de ensino para surdos.

ABSTRACT

The present text intends to report an action of the extension project “The Deaf Community Reinventing the Art of Ballet”, whose objective is to provide for the deaf community contact with dance, especially classical ballet. In 2019, the show “Deaf experiences: artistic practices” was held at the UFPEL, Federal University of Pelotas facilities. For this, we will report here the vision of the show through the reading of an actress and deaf dancer who integrates the activities of the project. The questions that guided the interview were based on the deaf subject’s experience of participating in a show aimed at the deaf community of Pelotas and region, in which various artistic modalities were presented. The results show that it is possible for deaf subjects to learn to dance as long as the teacher knows the Brazilian sign language and, in addition, the teaching methodology is focused on visual experience thus bringing the deaf subject as the protagonist of the show.

Keywords: Inclusive art. Show. Dance for the deaf. Teaching methodologies for the deaf.

INTRODUÇÃO

Essa escrita tem por objetivo o relato da experiência vivida no espetáculo “Vivências surdas: práticas artísticas” desenvolvido pelo projeto de extensão, do Centro de Letras e Comunicação da UFPEL “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé”. Espetáculo que foi maturado com o objetivo de possibilitar que as alunas surdas do projeto pudessem se sentir capazes de estar em uma apresentação de dança e vivenciar as possibilidades de criação artística tendo a surdez como um elemento que guia o processo de criação.

Pensando que a surdez e a cultura surda são guias do processo criativo deste espetáculo comunicar e falar sobre esses processos onde a surdez é tida como uma possibilidade e não como um problema é intensificado com o movimento, que possibilita dar voz ao sujeito surdo.

Movimentar-se significa também se relacionar intencionalmente com o mundo, o diálogo entre o ser e o mundo, no qual a ação questiona o mundo, o próprio sujeito e as coisas, respondendo ao mundo com sua presença (LIMA.; KUNZ, 2007, p. 6).

Desta forma fica impossível negar as possibilidades de criação quando os surdos usam uma língua que se expressa através dos movimentos do corpo. A comunidade surda é uma comunidade que utiliza uma língua que é totalmente visual e espacial e vivencia o mundo através da experiência visual, que segundo Quadros (2003) são todas aquelas experiências que perpassam a visão sendo também as festas, os encontros, os equipamentos de acessibilidade, as casas, entre outros.

Outro conceito que consideramos importante e que permeia todo o desenvolvimento do espetáculo é o conceito de cultura surda segundo Strobel,

cultura surda é o jeito de o surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e suas “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (2009, p. 27).

A comunidade surda possui uma apreensão do mundo que passa pela experiência visual. Consideramos importante desenvolver a prática da dança partindo como pista essa experiência e não a falta de audição.

O projeto de extensão A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé teve seu início em 2017 organizado pela Área de Libras do Centro de Letras e Comunicação da UFPel. Este projeto

tem por objetivo oferecer aulas de dança à comunidade surda de Pelotas. O projeto então teve dois grandes anos repletos de ações e atividades voltadas para a aprendizagem de dança para surdos até estarmos preparados para realizar a criação de um espetáculo.

No ano de 2018, o projeto passou pelo trajeto de adaptação e pesquisa de processo metodológico de ensino de dança para surdos, em que no primeiro semestre contávamos com ajuda de voluntários que em sua trajetória tiveram conhecimento sobre consciência corporal e dança. No segundo semestre de 2018, tivemos um avanço no que diz respeito a ensino de dança para surdos. Através da ajuda dos relatos dos alunos do projeto foi possível entender alguns processos de ensino que eram mais eficazes dentro da sala de aula, segundo Silveira (2019) o trabalho de ritmo e tempo através do estalo de dedos, assim como a contagem de tempo em datilologia foram ferramentas metodológicas usadas no projeto.

Terminamos o ano de 2018 satisfeitos com as pesquisas apresentadas e os trabalhos desenvolvidos em aula. Decidimos então preparar os alunos do projeto para levá-los ao palco e construir uma apresentação que representasse a comunidade surda. Strobel (2009) reafirma o pensamento que surdez é um elemento da identidade do sujeito surdo e através dela desenvolver toda a criação do espetáculo guiada por vivências trazidas pela experiência visual.

Entrando em 2019 determinados a desenvolver um processo de composição com os alunos, todas as atividades do projeto se voltaram para esse processo do espetáculo. Assim quatro ações se consagraram naquele ano. I - Aulas de passos básicos de balé clássico para as crianças surdas; II - aulas de literatura adaptada ao balé clássico para as crianças surdas; III - aulas de dança para os adultos surdos; IV - um curta-metragem sobre a vivência de um aluno surdo que participasse de um projeto de dança.

Antes de pensar as inúmeras características que envolvem um espetáculo, dúvidas sobre o surdo e a cena surgiam. Como levar o sujeito surdo para cena? De que maneira trabalhar a autonomia desse sujeito em cena? Como desenvolver um espetáculo voltado à comunidade surda? E assim começaram os estudos, pesquisas, questionários, diários de processo, todo tipo de material que nos auxiliassem nessa temática.

METODOLOGIA

Para este recorte de pesquisa optamos pela entrevista *on-line* pelo fato de estarmos vivendo, atualmente, um momento de isolamento social, em função da COVID-19, o que impede que façamos entrevistas presenciais. Salientamos que, mesmo na entrevista *on-line* a entrevistada assinou o termo de consentimento informando para garantia de sigilo dos dados e para uso exclusivo dessa pesquisa.

Nesse sentido, por ainda ser algo novo no âmbito de pesquisas, a mesma traz muitas potencialidades, como também limitações e dúvidas quanto ao seu uso para fins de pesquisa. Félix (2012) analisa a técnica da entrevista narrativa desenvolvida por Fritz Schütze em meados da década de 1970 e tinha como objetivo principal romper com técnicas tradicionais de coleta de dados através de perguntas-respostas. Uwe Flick (2009) descreve a entrevista narrativa *on-line* como uma forma de adaptação das pesquisas tradicionais comumente utilizadas, podendo ser possível a entrevista ser síncrona, em que os entrevistados e o pesquisador conversam em tempo real, e assíncrona quando os entrevistados recebem as perguntas e podem respondê-las no momento em que for mais adequado. Assim, ambos, pesquisador e sujeitos, não precisam estar conectados à internet ao mesmo tempo. Nesta pesquisa, a entrevista *on-line* foi feita de forma assíncrona e as perguntas que nortearam o estudo foram as seguintes:

- I. Dentro das práticas dançantes nos ensaios para a preparação de personagem qual foi a prática mais difícil de se entender como aluna surda que tem professor ouvinte?
- II. Durante o processo de ensaio em algum momento você sentiu necessidade de desenvolver um sinal temporário para usar durante aquelas práticas?
- III. Sua personagem no ato Cinderella tinha alguma característica que você considerasse difícil de praticar?
- IV. Como uma pessoa surda, o que você tem a relatar sobre o modo de trabalho do professor/coreógrafo no quesito metodologia e processo de ensino?
- V. Na Cinderella a sua personagem teve partes de atuação e práticas dançantes também. Para você o que foi mais difícil?

Consideramos importante salientar que a primeira língua utilizada pela informante é a Libras, a Língua Brasileira de Sinais. Dessa forma, todas as perguntas foram feitas em Libras bem como a transcrição das respostas, por uma tradutora/intérprete formada e com proficiência na Libras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espetáculo “Práticas surdas: vivências artísticas” foi dividido em quatro atos. 1º ato: “Quase Prontas para Ir” um curta-metragem na visão de duas alunas surdas; 2º ato: “A Construção do Sujeito Surdo” uma composição que reflete sobre a relação entre comunidade ouvinte e o sujeito surdo; 3º ato “Cinderella: Uma Releitura” como o próprio nome diz uma nova leitura desse espetáculo de balé clássico; 4º ato: “Você Pode Dançar” uma coreografia que retrata a vivência em dança dos adultos surdos desenvolvida no projeto.

Esse espetáculo se desenvolveu com um olhar voltado à surdez onde era discutido com os alunos o que deixaria eles mais confortáveis em cena e quais ferramentas metodológicas tinham mais eficácia nos ensaios. Desde que tipo de luz usar, sinais no chão para localização no espaço, na hora de dançar como tínhamos bailarinos ouvintes usar de pisadas fortes para sinalizar tempo quando existisse coreografia, assim como todo diálogo existente dentro do espetáculo entre os personagens do ato “Cinderella: Uma Releitura” aconteceu em Libras. Desta forma todos os bailarinos participavam e discutiam nos ensaios qual a melhor opção para solucionar qualquer dificuldade que acontecesse entre as encenações e as coreografias pensando sempre em ideias que fossem desenvolvidas através da experiência visual.

E assim desenvolveu-se um espetáculo que falava e dava voz à comunidade surda possibilitando que o sujeito surdo estivesse como protagonista e propiciador de criação em cena. No relato da nossa entrevistada percebe-se a importância do professor/coreógrafo saber Libras e estar presente na comunidade surda e nas suas ações.

Porque ele sabe Libras. Alguma palavra que não tinha sinal ele explicava o significado e assim a prática continuava. Como ele sabia o significado da palavra ele só explicava e assim a prática se desenvolvia. (Excerto da pergunta I)

Como todo processo criativo nos deparamos com dificuldades e barreiras, mas nem uma delas relacionadas com a surdez. Segundo nossa informante a principal dificuldade estava no papel que a personagem dela possuía.

Difícil para mim, sim. Porquê antes o professor explicou na prática como que a madrastra precisa sempre estar com cara de brava. Na prática foi difícil para mim porque meu perfil pessoa, eu (informante) não sou brava. Papel de brava difícil para mim. Na prática o professor me avisava, mais brava praticar mais brava. Difícil sim, o papel da madrastra. (Excerto da pergunta III)

Sempre preocupados em ressaltar a figura do surdo como protagonista do espetáculo o diálogo entre professor/coreógrafo com aluno/bailarino era constante. Eles davam opiniões de como realizar os sinais em palco para que todos os espectadores pudessem perceber o que determinadas cenas significavam, ou até mesmo se um ouvinte deveria estar junto ou não com eles, mesmo que isso de certa forma tire a independência do sujeito surdo.

No relato de nossa informante percebemos que ela se sentia mais segura em algumas cenas com a presença de um ouvinte. Durante os ensaios foi decidido então, que no último ato, “Você Pode Dançar”, as duplas seriam formadas por uma pessoa surda e outra ouvinte para transmitir mais segurança e confiança para as alunas. Identificamos que a dificuldade maior foi por nunca ter se apresentado em palco e por algumas características da dança como a contagem de tempo, por exemplo, causar insegurança nas alunas.

Pessoa surda junto com pessoa ouvinte é importante sim, porque já sente a vibração, ouve a música percebe os movimentos da dança e o surdo vê e copia. É importante o ouvinte junto. Precisa do ouvinte. Eu acho! Cópia melhor junto. (Excerto da pergunta IV)

De todos os relatos, diários de processos, conversas e discussões, *é incrível como todas as dificuldades encontradas pelas alunas nem uma delas estava relacionada à surdez*. Isso mostra que muitas vezes o olhar da dificuldade está sobre quem ensina e não para quem aprende. Esse espetáculo possibilitou refletirmos ser

extremamente relevante nessa ação educacional de dança para surdos é trabalhar a partir da concepção de que as pessoas surdas são capazes de fazer o que elas desejarem, desde que haja esforço e dedicação para alcançarem os objetivos. (PEREIRA *et al.*, 2018, p. 334)

Esse pensamento vai ao encontro de uma das respostas de nossa informante. A pergunta trazia a dúvida entre o “tempo na dança” ou “a expressão na cena”, qual foi o mais difícil de por em prática?

Os dois são difíceis, mas não impossível. Precisa praticar muito. Qual é mais difícil? As duas são difíceis. *É importante trabalhar os dois juntos*. A contagem de tempo, prestar atenção nos movimentos, na vibração da música, na expressão da madrastra. É difícil. Mas não é impossível. Tem que treinar, entender a música. Explicando bastante você consegue. É uma troca e treinando muito você consegue. (Excerto da pergunta V)

Nesse excerto percebemos que houve muitas dificuldades e desafios que foram enfrentados durante o espetáculo “Vivências surdas: práticas artísticas”, mas temos a grata satisfação de termos iniciado esse espetáculo primeiramente com um sonho de projeto que teve várias ações, desmembramentos que foram muito importantes para a valorização e a representatividade da comunidade surda.

Após a finalização do espetáculo um dos fatos que nos tocaram foi o agradecimento dos pais das alunas que participaram do projeto: um misto de emoção e dever cumprido, por mostrar que a comunidade surda foi e é capaz de se expressar de várias formas e a dança é mais uma delas, respondendo assim os questionamentos que surgiram no início do processo criativo do espetáculo. Esperamos ter contribuído de forma significativa para esses sujeitos.

REFERÊNCIAS

FÉLIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. *In*: MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy, **A metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012, p. 133-152.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LIMA, Marline D.; KUNZ, Elenor. Composição coreográfica na dança: movimento humano, expressividade e técnica, sob um olhar fenomenológico. *In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., 2007. Pernambuco. Anais [...].* Pernambuco: CBCE, 2007.

PEREIRA, K. A. *et al.* Artes e educação de surdos: reflexões sobre o ensino de balé para surdos. *In: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; BARBOZA, F. V.; MARTINS, V. R. O. Pesquisas em educação de surdos, tradução, interpretação e lingüística de línguas de sinais: tecendo redes de amizade e problematizando as questões do nosso tempo.* Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 327-335.

QUADROS, R. M. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 81-111, 2003.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

TECHERA, Victor; PEREIRA, Karina. Dança na maturidade: percepções sobre o ensino de dança para adultos surdos. *In: SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.* Pelotas: UFPel, 2019.

Data de recebimento: 20/05/20

Data de aceite para publicação: 24/06/20